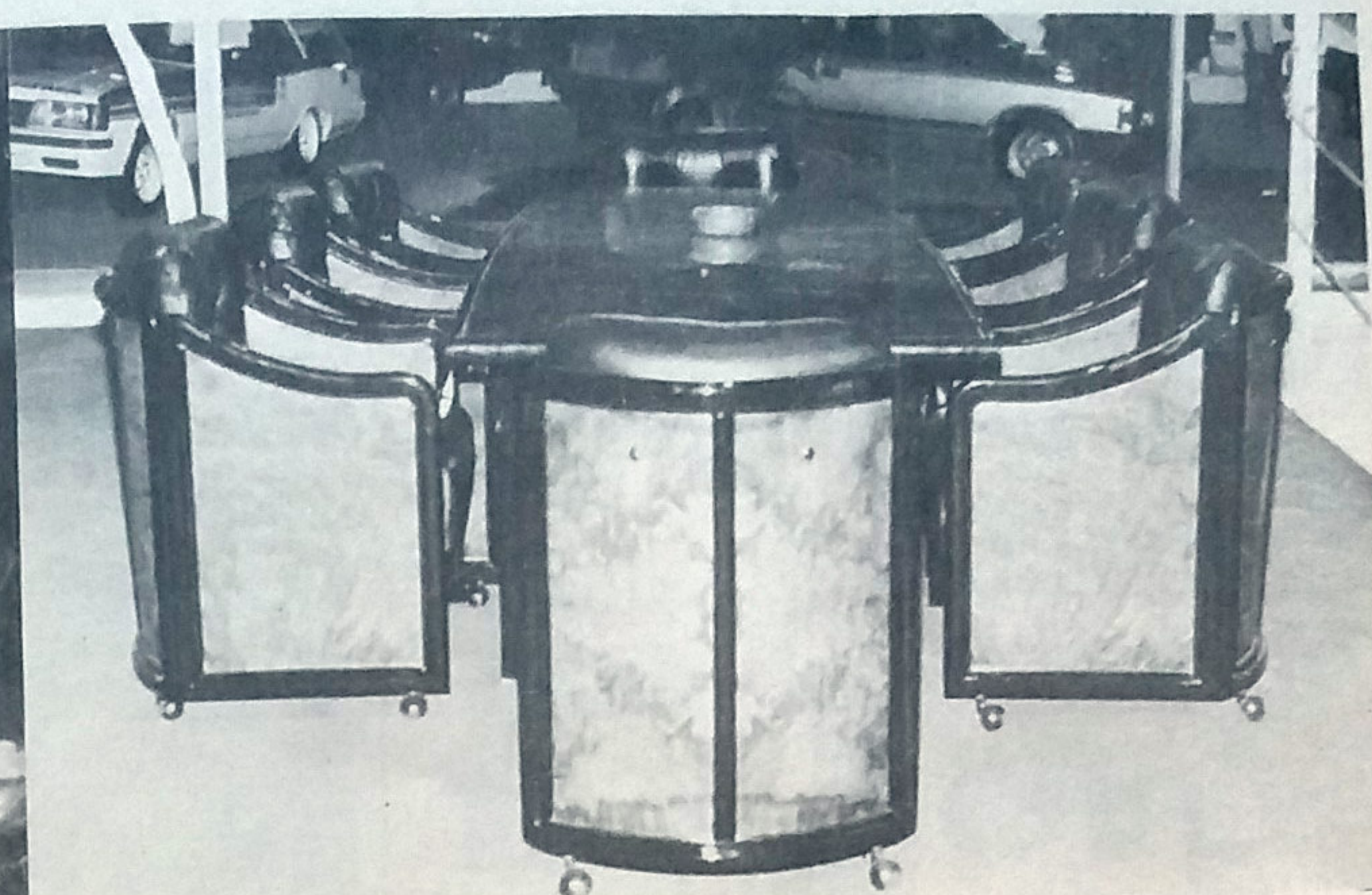




Indústrias despertam para a ecologia

O homem sempre procurou desenvolver artefatos que facilitassem o seu bem-estar, e nesta sua comida incessante ele desobedeceu as leis da ecologia, deixando como rastro do progresso a poluição e a devastação dos recursos naturais. Mas, em tempos de Eco'92, indústrias de Mato Grosso mostram que é possível alcançar os mesmos objetivos alcançados sem desprezar a natureza. Produzir sem agredir o meio ambiente é um desafio que já vem sendo superado por indústrias localizadas em Cuiabá.



O empresário Roberto Pellizzoni, sócio da Ital Design, diz que os "móveis ecológicos" já estão sendo vendidos basicamente para o exterior.

Produzir móveis ecológicos é a especialidade da Ital Design, a mais nova empresa do setor instalado no distrito industrial de Cuiabá. Árvores derrubadas e normalmente queimadas na formação de pastos, com grandes prejuízos ao meio ambiente, são a matéria-prima básica dessa indústria, ganhando um aproveitamento comercial até então inexistente no país. Mas o detalhe que mais chama a atenção nos móveis é o seu revestimento, feito de um subproduto da madeira doente. Por trás da qualidade e beleza que já encantaram o mercado nacional e até mesmo o exterior estão os con-

tornos laminados de tumores vegetais.

- Os planos da nossa indústria para a fabricação de móveis são muito sofisticados e diferentes - observa, sem falsa modéstia, o empresário Dário Tragni, sócio majoritário do empreendimento. Fruto de um antigo desejo dele, que há anos trabalha no ramo madeireiro através da G.D. Mato Grosso, a indústria moveleira *sui generis* ainda está em fase de instalação. - Quero dar os passos do tamanho da perna, e no momento a perna ainda é curta - assinala ele, ressaltando entretanto que as primeiras máquinas foram instaladas

e estão funcionando a todo vapor.

- Cuiabá fará um sucesso nesta Fenavem jamais visto em outra ocasião - afirma Dário, anunciando a participação da Ital Design na feira que acontecerá em São Paulo no próximo mês de agosto. - Mato Grosso vai expor os móveis mais bonitos do evento. Não iremos até lá para ser apenas mais um, mas para ser os únicos. Mostraremos uma linha de móveis residenciais e de escritório para ecologista e cliente nenhum botar defeito.

Na esteira desta promessa vêm os comentários sobre pesquisa, investimento e os obstáculos encontrados pela frente na fabri-

cação dos móveis ecológicos. Ele começou explicando sobre os investimentos realizados para a viabilização do empreendimento:

- Para fazermos algo especial a gente precisou de muita pesquisa no mato. So o revestimento dos móveis nos custou 1,5 ano de pesquisa, sobretudo para trazer a matéria-prima até a indústria. Os nossos móveis são revestidos com lâminas de uma espécie de câncer que dá nas árvores em alguns países de clima frio e resulta num desenho muito exclusivo. Para descobrir o produto, tirá-lo do local de origem e transformá-lo num

bom produto comercial tivemos que pôr a mão no bolso e gastar em dólar. A laminação da protuberância da madeira também exige um maquinário especial, outro fator que - somado ao processo de tingimento da madeira - encareceu ainda mais o projeto. Mas valeu a pena, porque os móveis são realmente muito especiais. O nosso maior problema, agora, está sendo a burocracia do governo brasileiro para a importação. Com tantos escândalos ecológicos e o avanço da campanha de preservação de nossas florestas o governo deveria liberar a importação de matéria-prima, em vez de dificultá-la.

Celva aplaude ação ecológica das indústrias

"As indústrias e quaisquer outros empreendimentos que adotam iniciativas preservacionistas e buscam a produção com um mínimo de impacto ambiental deveriam ser estimulados pelo poder público". Este é o pensamento do ecologista Carlos Teodoro Irigaray, que é membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente, onde representa o Centro Ecológico Vale do Araguaia (Celva).

Ele lembrou que o estímulo governamental a projetos da iniciativa privada que se preocupam com o meio ambiente já foi estabelecido no Paraná e deveria ser copiado pelo governo de Mato Grosso. "Finalmente, disse ele, a incompetência ainda predomina nos meios empresariais, que não procuram estabelecer um equilíbrio entre a produção e a preservação do meio ambiente.

Mas a produção com menos degradação, conforme afirmou, já é uma preocupação de muitos empresários de Mato Grosso, e ele destaca isso como um grande avanço a um aspecto muito positivo da atividade produtiva no Estado. "Os empresários finalmente estão percebendo o valor dessas iniciativas ecológicas de reaproveitamento de materiais, reciclagem do lixo, produção com menos emissão de resíduos e uso de materiais que antes eram considerados apenas rejeitos industriais".

Empresário denuncia desperdício

O governo deveria incentivar o aproveitamento de madeiras diferentes, para amenizar o grande desperdício de matéria-prima que se verifica atualmente no Brasil. Esta é a opinião do industrial madeireiro Dário Tragni. Ele explica que o País tem milhares de espécies de árvores, que em algumas regiões estão sendo derrubadas e queimadas sistematicamente para a implantação de projetos agropastoris, e menos de vinte espécies despertam interesse e são exploradas racionalmente.

- A porcentagem de aproveitamento das árvores derrubadas no Brasil é ridícula. A nível de laminação, por exemplo, são exploradas somente cerca de 14 espécies, e 95% delas são mogno e cerejeira. Fora essas quatorze espécies consideradas como madeira nobre o resto que é derrubado não é usado para nada e ainda é queimado.

Neste sentido, o empresário critica a política seguida pelo Ibama que, segundo observou, parece ter sido criada para atrapalhar a vida dos industriais madeireiros, em vez de proteger o meio ambiente. Para Dário, o Ibama deve controlar as queimadas e fazer com que a extração de madeira seja racional e respeite certos limites de espécies e tamanho. Mas ele destaca que a extração de madeira tem que ser lógica, não adianta proibir. E as espécies que não têm valor comercial precisam ter a sua utilização incentivada para não serem mais queimadas como hoje.

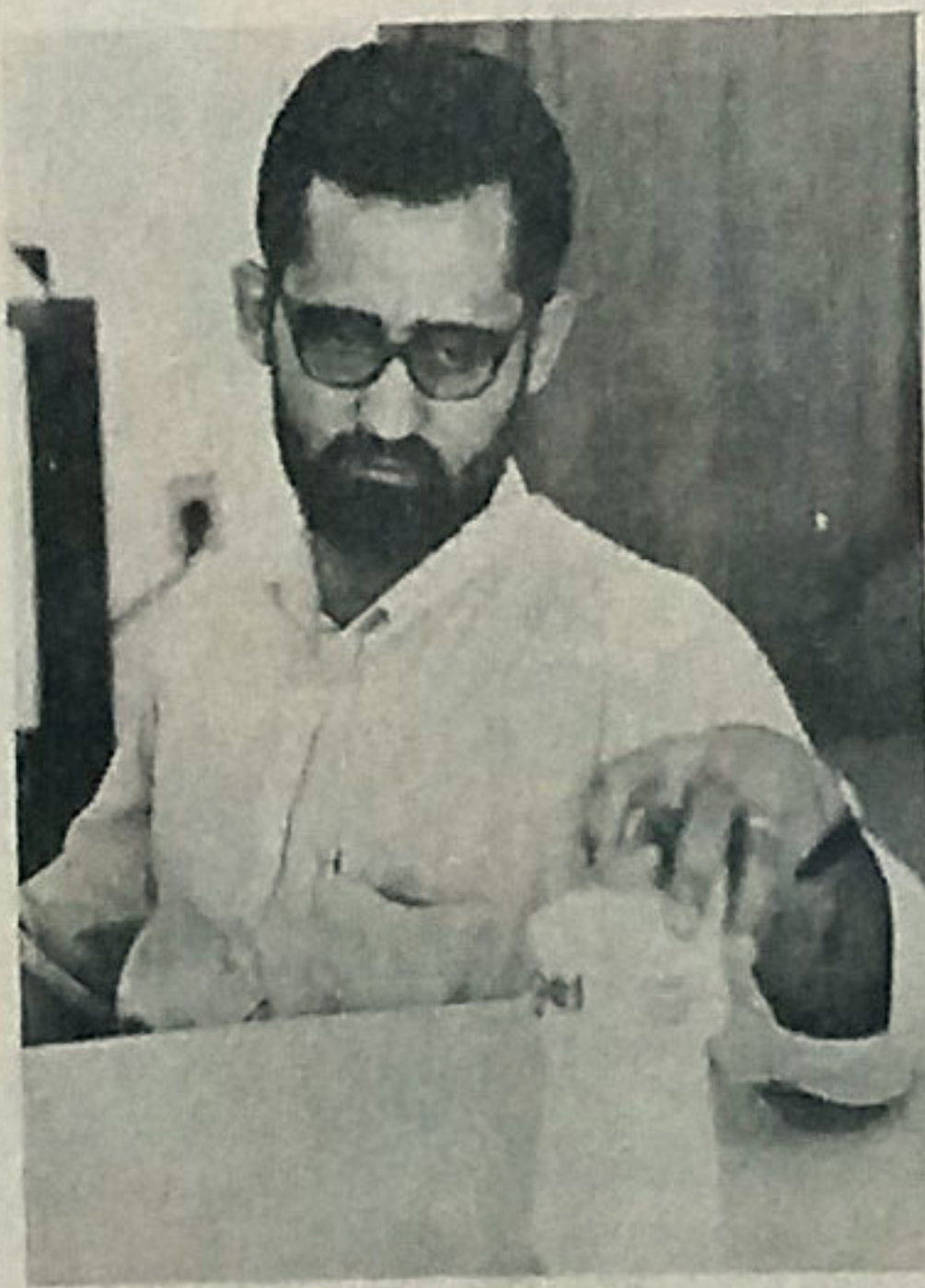
Ele também critica a cobrança da taxa de reposição florestal, dizendo que não é justo cobrar o imposto dos industriais, enquanto que o extrativista e o fazendeiro nada fazem: - A indústria tem que se preocupar com a seleção de toras, o transporte e a sua industrialização, e o replantio deveria ser exigido de quem corta a árvore.

O empresário apontou na G.D. Mato Grosso, situada no Distrito Industrial de Cuiabá, um bom exemplo de esforço contra o desperdício: - A empresa nobilita as madeiras da forma mais criativa possível: tingem-se a madeira com anilina. Este tingimento permite a fabricação de móveis sofisticados com o aproveitamento de madeiras de origem barata, nobilitadas através da coloração. E a coloração, por sua vez, permite que o móvel não perca a tonalidade de cor com o passar do tempo e a exposição ao sol.



Menos de 20 das mais de mil espécies florestais são aproveitadas pela indústria atualmente.

Materiais plásticos serão reaproveitados em Cuiabá



Wellington: pelo reaproveitamento do plástico.

"Jogar plástico no lixo está ficando fora de moda. Ele não se decompõe e se polui a atmosfera com vários gases quando queimado". A conscientização está sendo lançada pelo Vagel - Comércio e Indústria de Embalagens, que vem desenvolvendo um projeto pioneiro em Mato Grosso, com a aquisição de máquinas de reciclagem deste material.

Ao falar sobre o empreendimento, ontem, o diretor administrativo, Wellington Bastos Barreto, destacou que o destino do plástico, num mundo embalado por preocupações ecológicas, está condicionado à capacidade de suas indústrias de se integrar a movimentos de preservação ambiental. "Por serem um dos alvos preferidos de ecologistas, os materiais plásticos só conseguirão manter suas fatias de mercado na proporção do avanço das indústrias de reciclagem", preconiza ele.

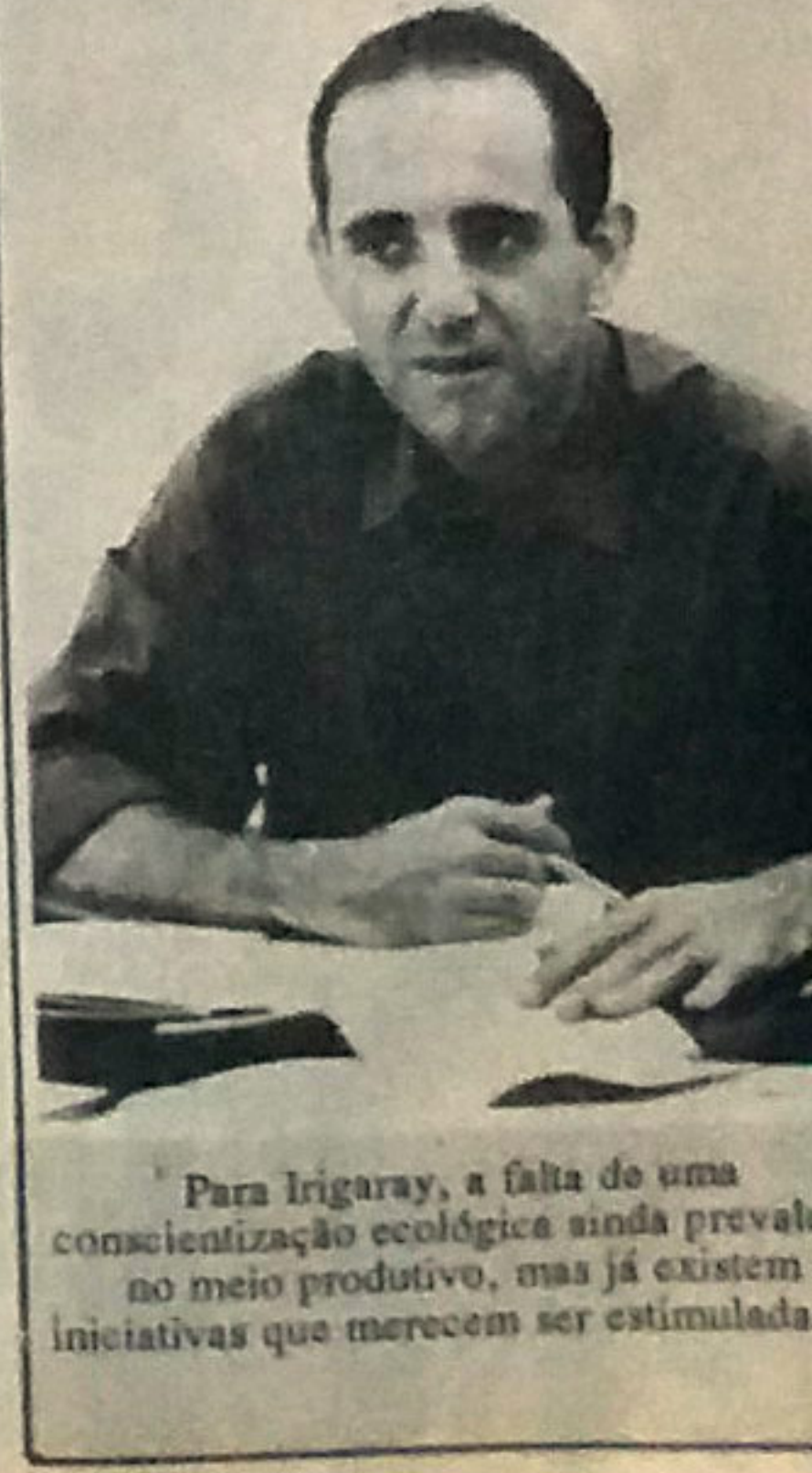
O grupo Vagel, que investiu 6 mi-

lhões de dólares no projeto e importou equipamentos e tecnologia italiana, produz embalagens plásticas para embalar o álcool de mandioca que ela mesma também fabrica. A confecção das embalagens se dá através de um processo sem emissão de gases ou fumaça e dejetos. A matéria-prima (opolietileno) é aproveitada na íntegra, e o álcool produzido - de uso doméstico e hospitalar - já alcança os 600 mil litros/mês - correspondente a 80% da capacidade de produção da empresa - e é vendido em quase todo o País.

Segundo Wellington, a empresa está inovando a sua linha de produção com a fabricação de pentes, baldes e embalagens para shampoos, e tem projetos para a produção de engradados de bebida, assim como determinados componentes do setor de autopeças. "Existe ainda uma linha de produção voltada para sacos plásticos para embalagem e acondicionamento de produtos, e, no próximo mês, o

grupo iniciará a implantação de uma indústria de sabão e detergente, também em Cuiabá, no distrito industrial", revela ele. "Só essa indústria - a Cia Fabril Mato Grosso - vai gerar 300 empregos diretos, com investimentos de 8 milhões de dólares e uma capacidade de produção de 10.800 toneladas/ano".

A matéria-prima básica da indústria de sabão, disse Wellington, serão subprodutos como o sebo bovino e a borra de soja. Com relação às embalagens plásticas, ele informou que já existem contatos com empresários supermercadistas para a instalação de uma rede de coleta, em que a população será orientada para separar o material plástico dos outros tipos de lixo, viabilizando o seu reaproveitamento. Outra informação da Vagel é que a coleta das embalagens plásticas será uma operação rentável, além de simpática ao meio ambiente, porque a empresa pretende comprar estes materiais da população.



Para Irigaray, a falta de uma conscientização ecológica ainda prevalece no meio produtivo, mas já existem iniciativas que merecem ser estimuladas.